



ISADORA MARIA DE PAULA TECO

A ARTE, UMA ELUCIDAÇÃO DO SER: como ferramenta do trabalho do psicólogo.

A ARTE, UMA ELUCIDAÇÃO DO SER: como ferramenta do trabalho do psicólogo.

Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica
apresentado ao Curso de Psicologia da Faculdade
Católica Paulista, em Marília, SP, no âmbito de
Conclusão de Curso - ICC, sob orientação do (a)
Prof.^a Me. Taliana Vendrame de Oliveira.

Marília – SP
2022

Marília – SP
2022

92 - 81171414
5305

CDD:150

II. Título.

1. Arte. 2. Arteterapia. 3. Psicanálise. 4. Sublimação. 5. Psicologia Analítica e arte. I. Oliveira, Talita Vendrame de (orientador).

Orientador: Prof. Me. Talita Vendrame de Oliveira.

Área de Concentração: Psicologia.

Faculdade Católica Paulista, Marília, 2022.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à

16 f.

Trabalho do psicólogo / Isadora Maria de Paula Teco. - 2022.

A ARTE, UMA ELUCIDADAÇÃO DO SER: como ferramenta do
T255 Teco, Isadora Maria de Paula

CIP - Catalogação na Publicação

eslimesl... orginal... de... de...
ob... de... de...
de... de... de...
de... de... de...
de... de... de...

ISADORA MARIA DE PAULA TECO

A ARTE, UMA ELUCIDAÇÃO DO SER: como ferramenta do trabalho do psicólogo.

Isadora Maria de Paula Teco¹
Faculdade Católica Paulista

Orientadora: Profa. Me. Talita Vendrame de Oliveira²

RESUMO: A arteterapia é um método que tem por base o uso de diversas formas de expressão artística, com uma finalidade terapêutica, que promove a reflexão que a arte pode ser utilizada como um instrumento de trabalho no campo da Psicologia. Assim, apoiado na revisão de literatura o presente artigo tem o objetivo de compreender arteterapia a partir do prisma das abordagens da psicanalítica e junguiana, as quais fundamentam e norteiam os psicólogos na atuação, possuindo aspectos conceituais e metodológicos próprios, abordando o método como promotor de sublimação. A partir dessa compreensão é possível desenvolver uma reflexão sobre os diferentes apontamentos teóricos e independente destes é possível ver um ponto de enlace que transcorre sobre a concepção estética do humano, visto como um ser criativo, capaz de tonar artista, protagonista da própria vida. Então conclui-se, que a arte pode ser um instrumento de grande valia para a atuação do psicólogo nos mais diferentes contextos, vinculado ao seu compromisso ético de contribuir para que o indivíduo se estruture e/ou reestruture como autor da própria história.

Palavras-chave: Arte. Arteterapia. Psicanálise. Sublimação. Psicologia Analítica e arte.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Católica Paulista (UCA). E-mail: isadorampteco@gmail.com

² Talita Vendrame de Oliveira- Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA) e supervisora do CPPA. Mestre em psicologia Clínica (PUC); Especialista em Psicologia clínica hospitalar (InCor- FMUSP); Terapeuta Sexual (Prosex- FMUSP). Especialista em Psicanálise (Sedes Sapientiae). E-mail: talita.vendrame@uca.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Para desenvolvimento desse artigo foi utilizado o método de a revisão bibliográfica qualitativa, a qual é constituída por referenciais como livros e artigos científicos, que possibilitam a maior análise frente ao tema, trazendo contrapontos importantes existentes na visão da Psicanálise e Psicologia Analítica Junguiana (Gil,2002). Os artigos foram escolhidos a partir das bases de dados Scielo e Google Acadêmico, a partir das palavras arte, arteterapia, arte e

psicanálise, arte e psicologia analítica. Assim, o objetivo geral busca compreender a arteterapia como promotora do mecanismo de defesa sublimação, a partir da visão da Psicanálise e da Psicologia Analítica Junguiana. Os objetivos específicos são: descrever a visão das duas abordagens e suas diferenças; explicitar a importância da arteterapia para o trabalho do psicólogo possibilitando um aprofundamento do tratamento.

Para abranger os objetivos, faz-se necessária a compreensão da arteterapia, a partir de seu contexto histórico, a partir dos escritos de Freud e Jung no período de 1920-1930. Segundo Carvalho (1995), é uma técnica que utiliza a arte como forma de expressão do inconsciente, a qual tem a finalidade terapêutica.

O conceito é definido pela Associação Brasileira de Arteterapia (2001) como sendo um método de trabalhar a partir da linguagem artística, a qual promoverá a fundação da comunicação entre cliente e profissional, a qual tem a função de promover saúde devido gerando insights.

Devido a isso, o método possibilita a melhora no estilo de vida do sujeito, englobando atualmente as mais distintas linguagens da arte, podendo destacar algumas como: linguagem corporal e dramática, linguagem plástica, linguagem sonora, linguagem literária, essas linguagens são desenvolvidas através de técnicas que materializam o inconsciente como: desenho, quando é feito um desenho de livre expressão pode ser feita uma avaliação profunda, a pintura também nos possibilita a análise de sentimentos trazendo à tona tudo o que pode estar oculto, existem outras formas de expressão também como a dramatização ou a dança que permite que o corpo fale, a poesia, a música e até mesmo a modelagem. Tem em vista diferentes realizações. Como em avaliações, prevenções, tratamentos e reabilitações voltada para a saúde, como de aparato pedagógico na educação e por intermédio para o desenvolvimento pessoal e interpessoal por meio da criatividade (REIS, 2014).

Portanto, o campo de performance da arteterapia vem se ampliando, não envolvendo apenas o contexto clínico e educacional, abordando também o organizacional e o comunitário. Contudo, a esfera de atuação da arteterapia como ramo específico de trabalho se deu a partir dos estudos em Psicologia (REIS, 2014).

Esse artigo tem por propósito de fazer uma reflexão sobre a arte como instrumento de estudo e trabalho do profissional da psicologia, passando pela historicidade da arteterapia, com aprofundamento dentro do contexto da arteterapia no Brasil, sobre aquilo que sustenta esta prática e abordando duas linhas teóricas. O vigente trabalho vem a contribuir em cenário geral com enfoque em duas áreas específicas, da arteterapia, do qual permitirá tanto os estudantes, quanto os psicólogos apreciar e descobrir conhecimentos mais avançados de uma área de

especialização, levando a um pensamento reflexivo sobre os subsídios da arte no dinamismo do psicólogo tanto na clínica e/ou em outros contextos, como caminho para trabalharmos a subjetividade e a intersubjetividade em uma concepção estética do humano (VIGOTSKI,1999).

Atualmente a arteterapia expressa-se como uma valiosa ferramenta para intervenções de questões de psicologia social, psicologia escolar, na saúde hospitalar e nas organizações. Assim, revelando que a arte é considerada como condutora à expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo e seu cliente/paciente, ou a um grupo ou indivíduo, entrar em contato com conteúdos emocionais, como conflitos e traumas, ressignificando-os através da atividade artística. Esses aspectos de ressignificação trazem as expectativas e sentimentos para o consciente, para assim o psicólogo conseguir no decorrer do tempo ter acesso as várias informações sobre a identidade da pessoa e/ou do coletivo. Sendo um instrumento que amplifica as possibilidades de expressão do inconsciente, superando a abordagem tradicional, que trabalha a partir da linguagem verbal (REIS,2014).

A arte como mediadora da comunicação traz algumas vantagens como a expressão do universo emocional a partir da explicitação do inconsciente, não passando pelas barreiras da racionalização que acompanha o discurso verbal. Além do mais, pela atividade artística, facilitamos o contato do indivíduo com o seu inconsciente e suas conflitivas pelo viés criativo, não passando pelas barreiras do superego, não determinando o conteúdo o subjetivo, mas podendo resignificar a vivência. O modo como esse processo ocorre se explica por diferentes perspectivas teóricas, mas o terapeuta analisa esse instrumento que proporciona a produção artística a partir do prisma de sua teoria, tendo com ideia central esta atividade como construtora da transformação subjetiva (PHILIPPINI,1998).

2 A CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DO CONCEITO DE ARTERAPIA

Segundo Carvalho e Andrade (1995), no início do século XX, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung construíram em suas obras as bases teóricas para o desenvolvimento inicial do conceito de arteterapia. Inicialmente Freud a partir de seus escritos aborda a análise das obras de Leonardo Da Vinci e Michelangelo a partir do inconsciente dos artistas e como estes por meio de uma catarse, que seria a construção da obra apresentam os conteúdos psíquicos conflitantes. Este pensamento aborda que o inconsciente se comunica por imagens, tais como originadas dos sonhos, conduziu para a compreensão das imagens criadas na arte como via de acesso privilegiado ao inconsciente, pois saíam mais facilmente sem a censura das palavras. Freud apesar dessa descoberta, não chegou a utilizar a arte como parte do processo psicanalítico.

Já para Carl Gustav Jung, a psicologia analítica considera que o conceito de linguagem artística está associado a psicoterapia. O autor também considerava a criatividade artística uma função psíquica natural e estruturante, que dava forma e transformava os conteúdos inconscientes em imagens simbólicas (SILVEIRA, 2001). Para isso o teórico requisitava aos seus clientes que desenhassem ou pintassem livremente seus sonhos, sentimentos, situações conflitantes e o que desejassem de forma livre, para assim a partir da análise das imagens criadas por eles interpretar a simbolização do inconsciente individual e coletivo (ANDRADE, 2000). Um ponto de diferença entre os dois autores são os conceitos abordados em relação a análise do artista, mas ambos se assemelham ao abordar que a produção de uma obra promove a elaboração dos conflitos inconscientes proporcionando a cura.

A partir dessas duas vertentes teóricas, a arte foi considerada um instrumento terapêutico e gradativamente ganhou espaço na atuação psicoterapêutica corroborando para o desenvolvimento desta técnica, principalmente por Margaret Naumberg, que sistematizou a técnica da arteterapia embasando-se na psicanálise e tendo como objetivo facilitar a projeção de conflitos inconscientes a partir de representações únicas e inusitadas, sendo esse material submetido à interpretação seguindo a teoria proposta por Freud. (KRAMER, 1997).

Abordando o desenvolvimento desta técnica no Brasil, a arteterapia inicia seus primeiros ensaios na primeira metade do século XX (1901-1951), conjuntamente com a psiquiatria e influenciada tanto pela vertente psicanalítica e junguiana, a partir dos escritos de Osório Cesar e Nise da Silveira, sendo os psiquiatras pioneiros na técnica da arte junto a pacientes em instituições de saúde mental. Ambos colaboraram para o desenvolvimento de uma abordagem mais humanizada que se contrapõe aos métodos agressivos de contenção psíquica da época, como: o eletrochoque, o isolamento e a trepanação, prezando expressão do sujeito pela arte, a qual promove efeitos terapêuticos na reabilitação psíquica dos pacientes, que via a recuperação do indivíduo em escala social até mesmo superior a aquele que se encontrava antes da experiência (SILVEIRA, 2001).

Osório Cesar em 1923, sendo médico no Hospital Psiquiátrico do Junqueri, localizado em Franco da Rocha, região metropolitana de São Paulo, em 1925 cria a Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri e em 1929, publica sua obra principal "A expressão Artísticas dos Alienados", apresentando seu método de classificar e de analisar as obras de arte de pacientes psiquiátricos. Em consequência de seu trabalho em 1948, é organizador da 1ª Exposição de Arte do Juqueri, no Museu de Artes de São Paulo, como comprovação de suas pesquisas (CARVALHO & ANDRADE, 1995).

A partir deste contexto Osório considera que a formação de um novo campo, Psicologia da Arte, sendo este de suma importância. Essa conclusão se embasa nos escritos publicados por Freud sobre a sua visão de arte, a qual, atualmente é passível de crítica pelo reducionismo na leitura das obras artísticas por abordar a psicologia individual e patologização sem considerar os aspectos históricos e sociais, mas ao mesmo tempo teoria freudiana se torna importante para fundamentar a análise do autor (ANDREOLI, 2003).

Esta análise aborda as expressões psicopatológicas de doenças psíquicas e a simbologia sexual presente nas criações artísticas de seus pacientes, compreendendo as obras como uma manifestação dos desejos pessoais do autor, disfarçados nos elementos simbólicos contidas na imagem (CESAR, 1944). Já que o método é baseado na espontaneidade da produção sendo um mediador para o conhecimento do inconsciente, promovendo as possibilidades de elaboração e insight que proporciona a saúde do paciente (CARVALHO e ANDRADE, 1995).

Mantendo a visão de saúde, outra psiquiatra que influenciou os estudos sobre arteterapia foi Nise da Silveira, que trabalhava no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, Rio de Janeiro, no Engenho de Dentro e ao assumir a Seção de Terapia Ocupacional, na qual os pacientes realizavam atividades diversas, especialmente a modelagem e a pintura, pôde observar que a arte não deveria ter apenas o objetivo de divertimento ou distração, mas sim contribuir afetuosamente para a saúde mental dos pacientes, dando a oportunidade de expressar seus sentimentos reprimidos. Sendo que em 1952, houve a criação do Museu de Imagens do Inconsciente, na mesma instituição, o qual era composto pela quantidade crescente das obras feitas pelos próprios internos, que contém mais de 300.000 de registros plásticos, dentre elas, esculturas, papéis. Desta forma, pode-se obter uma rica área de pesquisa, em que a prática se respaldada pelo estudo do valor terapêutico da ação criadora, a partir da investigação das imagens guardadas no Museu de Imagens do Inconsciente e esse caminho de pesquisa é contado por meio do livro: O mundo das imagens, o qual explica o método utilizado e traz vários exemplos de análises das obras de arte construídas no processo terapêutico de pacientes, a partir de uma leitura junguiana (SILVEIRA, 2001).

Embora a autora seja considerada uma pioneira na história da arteterapia, Nise da Silveira não aceitava tal nomeação para o seu trabalho, tendo preferência em chamá-lo de terapêutica ocupacional, pois considerava que a palavra arte trazia um sentido de valor, de qualidade estética, o que não era considerado um conceito abordado ao utilizar a atividade com seus pacientes, sendo que atualmente mantém-se essa visão (SILVEIRA, 2001).

Uma crítica abordada pela autora em seus escritos é que a arteterapia se caracteriza pela intervenção do terapeuta e na prática do Engenho de Dentro, as atividades feitas pelos pacientes eram totalmente livres e suas construções de arte eram construídas espontaneamente a partir do material fornecido nos ateliers, sendo apenas acompanhados por uma monitora, mas não guiados por ela (CARVALHO e ANDRADE, 2000).

Desse modo, encontramos uma distinção não somente em questões do método, mas também teóricas, pois Nise da Silveira se embasou na abordagem junguiana para trabalhar com arteterapia. Já Margaret Naumburg, que segue a psicanálise, disserta que o paciente é dinamicamente orientado, por meio da relação transferencial e descobre a significação de suas criações por meio do processo de interpretação, o qual não existe na abordagem proposta por Nise (CARVALHO & ANDRADE, 2000).

Para Nise, a função terapêutica da arte era de permitir, então deixar que a expressão das experiências e vivências que não poderiam ser verbalizadas por aqueles que se encontravam mergulhados no inconsciente, ou seja, em um campo sem o alcance da elaboração racional, do consciente se expressassem livremente, o terapeuta tem a tarefa de combinar conexões entre as imagens que emergem, saem do inconsciente e assim também a situação emocional vivenciada pelo paciente (SILVEIRA, 2001).

Nesse caso, apoiava-se na visão da psicologia analítica de Jung, de onde surgiu uma das mais importantes abordagens sobre arteterapia, dos quais os conceitos veremos mais adiante. Para a psiquiatra, as produções artísticas abordam além de elementos esclarecedores dentro do processo psicótico, pois quando as obras de um mesmo autor são analisadas em série, pode-se ver a revelação de temas recorrentes, que trazem um ganho terapêutico ao serem produzidas, dando forma às suas emoções turbulentas, tirando sua potência, visando forças auto curativas, que caminhavam em direção a consciência, ou seja, a realidade (SILVEIRA, 2001). Para os pacientes não era apenas um dar forma, mas também um aspecto de lidar com suas emoções turbulentas.

É destacado por Nise da Silveira que há benefício do tratamento através de afazeres expressivos se trouxe uma diminuição da porcentagem depreciadas na condição psicótica e de possíveis reintegrações dos pacientes que realizavam esse trabalho no Engenho de Dentro, especialmente quando haviam aqueles que se afastavam continuaram com algum acompanhamento. Viabilizado por ela com a criação da Casa das Palmeiras, isso em 1956, instituição que iniciou no atendimento de pacientes no chamado regime de portas-abertas.

Nise da Silveira com o seu trabalho inaugurou uma nova perspectiva em prol da relação entre a arte e a loucura. Com a análise de Frayze Pereira, o Museu de Imagens do Inconsciente se constituiu, desde seu início, como um núcleo de pesquisa da esquizofrenia (FRAYZE,2003). Tendo como intuito dar abertura a interioridade dos esquizofrênicos e levar as suas obras ao conhecimento do público, o autor enfatiza a importância do Museu na formação de uma nova área que fala com a Psicologia, arte e política na questão de trama cultural (FRAYZE,2003).

No qual a arte não é somente instrumento de transformação da realidade externa do esquizofrênico, mas um meio de voz e de inserir a sociedade a partir das exposições, quando ganha espaço no Museu a criação legitimada pela cultura, a expressão “marginal” certamente ganha o selo de obra de arte, assim tornando o marginalizado, o louco, o institucionalizado, torna-se artistas no olhar da sociedade, do espectador como gênio (FRAYZE,2003).

Osório Cesar e Nise da Silveira, embora sejam considerados os iniciadores pioneiros no trabalho com métodos terapêuticos expressivos no Brasil, o desenvolvimento desse processo terapêutico a arteterapia e sua sistematização no campo específico da Psicologia se deram antes desse movimento proporcionado por eles. Como descreve Andrade (2000), na criação dessa área, destaca-se Maria Margarida, que em 1980, implantou o primeiro Curso de Ar terapia no Instituto de Psicologia da UFSP e coordenadora, em 1995, do Livro A Arte da cultura, apoio artístico em ar terapia. Outro ponto a ser destacado pelo Andrade foi a criação da clínica pomar, isso no Rio de Janeiro, coordenada por Ângela, do qual se oferecia o curso de formação em ar terapia de orientação junguiana. Assim então a ar terapia vem crescendo cada vez mais, abrindo novos espaços além da clínica e também outras fontes teóricas, como a transpessoal e antropológica.

2.1 ARTERAPIA E SEUS PRINCIPAIS FUNDAMENTOS TEORICOS

A arteterapia pode ser aprofundada através de diferentes referenciais teóricos, mas o método se caracteriza por utilizar a arte como meio de expressão da subjetividade, por compreender que a linguagem artística promove uma reflexão da experiência inconsciente, a qual muitas vezes não é verbalizada dependendo do diagnóstico do paciente, mas a elaboração da obra de arte criada promove a ampliação da consciência em termos de fenômenos subjetivos (CIORNAL,1995).

Segundo Silva (2016, p.15), a arteterapia aplicada para adultos na maturidade, neste estudo, pode ser considerada como exemplo de práticas integrativas exitosa apontando que 15 atividades complementares de saúde podem extrapolar os muros das instituições de saúde.

A partir desta visão teórica Liomar Quinto Andrade, em 1993, em sua tese de doutorado comprova e delinea a arteterapia como sendo um instrumento de trabalho, o qual envolve um

objetivo educacional e/ou terapêutico enfatizando dois pontos fundamentais: A expressão artística revela a interioridade do homem, na qual, o mesmo transparece o seu modo de ser e a sua visão do Eu e do mundo, independente da linha teórica utilizada; Outra questão a ser pontuada de compartilhamento entre as dizes abordagens é o reconhecimento da função terapêutica específica a própria atividade artística e diretamente ligado a criatividade, com isso, a partir dessa forma de expressão o terapeuta pode definir um contato com o paciente, proporcionando o autoconhecimento e promovendo a resoluções de conflitos (ANDRADE, 2000).

Para que ocorra a possibilidade de resolução das conflitivas psíquicas o método inicia a partir do desenvolvimento das atividades expressivas do paciente, sendo esta um instrumento importante da psicologia, pois irá auxiliar na análise e na promoção da reflexão, que promove uma visão crítica para o seu próprio Eu. Em termos de atividade terapêutica o objetivo é desenvolver e estimular o campo da criatividade, proporcionando que ao se fazer criativo se construa outros modos de estar no mundo e de subjetivação (ANDRADE, 2000).

Portanto o método pode ser utilizado no contexto clínico, da educação, da saúde e da comunidade, intervindo terapêuticamente nas limitações físicas, emocionais e individuais junto ao indivíduo, pois através da experiência expressiva o indivíduo pode vir a ter elaboração e insights do que de fato sente no decorrer desse processo e pode realizar uma obra que faça sentido para a sua vida, pois nessa construção o sujeito ressignifica a sua relação com ele mesmo e com o ambiente, o que gera um autoconhecimento e novas possibilidades de construir vínculos (ANDRADE, 2000; DUFRENNE, 2008).

Ao criar o sujeito se forma e se da forma trazendo sentido a sua obra e a partir do processo terapêutico de criação, o material inconsciente se torna concreto e o terapeuta poderá abordá-lo de forma que desenvolva a transformação por meio da arteterapia possibilitando que o paciente se aproprie da sua obra e do seu Eu (OSTROWER, 2004).

Historicamente na psicologia a construção dessa ação criadora é considerada um processo em que o indivíduo organiza vários elementos de suas experiências ao longo de sua vida até o presente momento, ligando-os de modo diferente e assim produzindo o novo (VYGOTSKI, 1990). Do qual na atividade presente ele parte do que está dado, daquilo que é conhecido, elaborando em uma nova forma a partir da imaginação, chegando à objetivação do resultado da imaginação, que ao se materializar-se no plano real, traz consigo uma nova força, um novo significado, que se diferencia do se poder transformador frente à realidade do qual partiu (RIBEIRO, 2002).

Na obra *Psicologia da Arte* escrita entre os anos de 1924 a 1926, Vygotsky, ressalta a utilidade em termos de função transformadora dessa atividade, que tira da vida seu material, produzindo algo maior que esse material de extração, pois da mesma forma que a arte está para a vida, assim como o vinho para alma (VIGOTSKY, 1998).

Mesmo que esse autor não seja referência na arteterapia, a ideia do fazer criativo ultrapassa o campo da consciência e da concretude. Na perspectiva da sócio histórica, o objetivo fundamental da arteterapia é resgatar a criatividade na vida, a qual contribui para que o indivíduo aprenda lidar com os limites que a vida muitas das vezes impõe. Esse processo faz com que o sujeito se torne o autor da própria vida, pois a arte irá abrir uma realidade alternativa, propondo ao homem poder perceber, dar significado e ressignificar suas relações consigo, com o outro e com o mundo (ADRIOLO, 1995).

Entanto, o trabalho do psicólogo mediado pelo fazer artístico por meio da expressão criativa, não se trata apenas do dar forma, à objetivação de pensamentos, emoções, mas em foco aborda a transformação pela arte, reconstruindo-se de novas formas e trazendo sentido às vivências, em um processo que ao criar o indivíduo recria-se a vida.

2.2 ARTETERAPIA NO OLHAR PSICANALITICO

Para a Psicanálise, o conceito de arteterapia iniciou com os estudos de Margaret Naumburg, que abordavam a arteterapia de orientação dinâmica. Sendo este o conceito elaborado a partir de sua vivência com a irmã Florence Came, que era professora de artes e artista, e havia desenvolvido um método para liberar a expressão artística no campo da educação. Ao observar a eficácia do método pioneiro de sua irmã transformou a arte em um instrumento terapêutico que aborda o expressar artístico sendo como um espelho, do qual reflete várias informações, estabelecendo um ponto de conversa entre o consciente e o inconsciente (ANDRADE, 2000).

A produção das imagens no fazer artístico pode ser um método utilizado pela psicanálise que irá considerar que esta produção está relacionada ao material onírico, as memórias infantis, as fantasias e aos conflitos vivenciados. Devido a carga psíquica desse material muitas vezes os sujeitos encontram-se resistentes para entrar em contato por meio da fala e devido a este fato a arteterapia vem como uma ferramenta para facilitar a comunicação, pois ao explicar a obra o paciente explicita o seu inconsciente verbalmente e esse movimento pode promover a associação livre, desfazendo as barreiras inconscientes existentes através dos mecanismos de defesa (CARVALHO, 2000).

Sendo assim esse método tem como princípio básico o reconhecimento de que todo indivíduo, mesmo sem possuir treinamento artístico, tem habilidades de projetar seus conflitos internos em produtos visuais. A partir da projeção das conflitivas o terapeuta poderá interpretar a expressão artística no campo transferencial, no qual o sujeito é estimulado pelo analista a descobrir por si só o sentido e significações de suas produções, extraindo pelo meio da associação livre. Assim, ao explicitar seus sentimentos, o paciente poderá elaborar as suas conflitivas por meio de insights e esse processo pode ajudar na redução do tratamento e na diminuição da transferência negativa, devido o fator de que as imagens objetivadas agem então como uma comunicação simbólica, que excede as dificuldades próprias na linguagem verbal (NAUMBERG, 1991).

Outro ponto fundamental dentro da arteterapia psicanalítica, é a concepção da arte como forma sublimatória dentro da visão de Freud, que significa um processo do qual as pulsões são desviadas de seu objeto de origem, de ordem libidinal (sexual), para uma atividade socialmente aceita como, atividades culturais, tais como a criação artística ou a pesquisa (intelecto) e até o esporte (LAPLANCHE & PONTALIS, 1998).

A concepção de sublimação aceita por Naumburg é mais representativa dentro do trabalho de arteterapia de Edith Krammer, professora de arte, artista e psicanalista. Seu olhar diferenciase de Naumburg, pelo motivo de ela não praticar a interpretação, dando prioridade dentro do processo de fazer arte, sem necessariamente precisar da verbalização para haver uma elaboração da conflitiva psíquica (ANDRADE 1995).

O destaque de Krammer estava na importância da terapêutica no processo criativo, e do fazer-se artístico em si mesmo, do qual propõe a arte como terapia, ao contrário de uma psicoterapia que utiliza a arte como instrumento (CIORNAL, 2004). Seu trabalho tem por fundamento o reconhecimento do papel da arte como sublimação, compreendendo-se por sublimação a transformação da conflitiva em uma obra e esse movimento canaliza as pulsões antissociais e libidinais para ação socialmente aceita e produtiva, de tal maneira que o prazer gerado por essa produção artística substitui em partes o prazer e a gratificação original que a ação reprimida e elaborada proporcionaria (ANDRADE, 1995).

Por Krammer (1982), a criação artística por si só é terapêutica, pelo fato de contribuir para a homeostase psíquica e o fortalecimento do ego que se desenvolve a partir da elaboração entre a necessidade inconsciente e do Id e a castração do superego, proporcionando assim uma possibilidade de mediação dos desejos inconscientes e a possibilidade da sua realização. Assim, o artista se apresenta como um sujeito que aprendeu a resolver as conflitivas através da criação

artística, possibilitando a vivência de seus desejos de uma forma neurótica evitando a cisão egóica.

Com isso, a arte se torna possível ao expressar os desejos inconscientes de forma mais saudável, sendo aceitos, de forma que não fiquem recalcados e sejam elaborados evitando assim a formação de sintomas. Assim, a função do arteterapeuta é a de tornar disponível para as pessoas o recurso terapêutico que contribui para o desenvolvimento psíquico, possibilitando o fortalecimento do Ego evitando a sua cisão e proporcionando insights para a elaboração do processo de vivenciar a vida (KRAMMER,1971, *apud* CIORNAI,2004).

2.3. A ARTERAPIA NA ABORDAGEM JUNGUIANA

No Brasil, a arte terapia Junguiana desenvolve-se tendo por principais referências o próprio Jung e o trabalho de Nise da Silveira. Nessa abordagem, traz uma perspectiva, do qual a função da atividade artística é de intermediar a produção simbólica do inconsciente, que se manifesta através de imagens e palavras que abordam significados para além dos demonstrados conscientemente, pois uma imagem ou uma palavra se torna simbólica quando há alguma coisa para além do seu significado manifesto e imediato (VON FRAZ, 1977).

No entanto, no mesmo momento que para Freud o inconsciente é formado por conteúdos reprimido e/ou recalcado, a partir da história pessoal de cada indivíduo, Jung traça um caminho além do inconsciente pessoal, mas também a existência do inconsciente coletivo, composto pelos instintos e pelos arquétipos. Ele o chama de coletivo, pois não é formado por conteúdos individuais, mas por aquilo que é universal e que aparecem regularmente (JUNG, 2001).

Outro ponto de diferenciação é que Jung, considera que além de memórias em um passado distante, também os pensamentos totalmente novos e ideias criadoras podem imergir do inconsciente (1977), já que a função criadora é própria de cada um, do qual se manifesta nas imagens dos sonhos, das fantasias, nos mitos e na expressão plástica.

Nise destaca, que os produtos da função imaginatória, da fantasia do inconsciente, são fotografias de si mesmo, em relação ao que está acontecendo no espaço interno na psique, sem qualquer ilusão, ou trava, sem qualquer tipo de véu (SILVEIRA,2001), sendo um aspecto próprio da energia psíquica transformando-se em imagem. Em relutância disso, a abordagem em arte terapia, não tem por base a interpretação das imagens como representações escondidas do inconsciente, em que o sentido viria posterior, dependendo do que é verbalizado pelo paciente. Nise coloca o oposto, que o importante mesmo ao indivíduo é o dar forma, mesmo que seja rústico, daquilo que não é definível pela palavra, por serem imagens carregadas de energias,

desejos e pulsões (SILVEIRA,2001), do qual a energia libidinal poderá ser apanhada viva, e não fragmentos devidos o repuxamento do tentar das interpretações racionais (SILVEIRA,2001)

Sobre a origem das imagens do inconsciente ,em que encontra um canal de expressão no fazer artístico em ar terapia , a Psicologia Analítica diferencia duas classes ,como descreveu Nise da Silveira ,dos quais são a primeira onde as imagens que representam as emoções e experiências vividas pelo indivíduo ,formadas no inconsciente pessoal e a segunda em imagens arquetípicas advindas do plano das vivencias primordiais da humanidade ,daquilo que é herdado por ela ,semelhantes nos seus traços fundamentais (SILVEIRA,2001) manifestando de diferentes modos em função do lugar e da época ,os mesmos afetos e as ideias básicas do ser humano.

Um exemplo de imagens de arquétipos seriam os mitos, do qual o estudo de Jung foi de grande importância para o desenvolvimento do próprio entendimento de arquétipo, a partir de sua comprovação de que os mitos pontuam temas bem definidos que reaparecem sempre e por todo o lugar (SILVEIRA,2001).

A partir de imagens arquetípicas, os temas místicos são adulterados, expressam experiências fundamentais da humanidade (SILVEIRA, 2001). Além dos mitos e dos sonhos as próprias ideias delirantes, eram vistas por Jung como representações arquetípicas.

Prosseguindo nessa linha Nise compreendia a própria psicótica como um aluvião do consciente por imagens arquetípicas, do qual adquiriam forma nas pinturas, nas esculturas e nos desenhos de seus pacientes. As manifestações artísticas apareciam então como símbolos do inconsciente, proporcionando ao terapeuta uma visualização dos processos psíquicos ao mesmo tempo em que, o paciente reavivava e vivencie, ou seja, a transformação desses processos.

Os símbolos se apresentam como verdadeiros transformadores de energia psíquica, daí sua importância no ar terapia, como Nise, Jung compara os símbolos e o dinamismo que transformam uma modalidade de energia psíquica em outra (SILVEIRA,2001). Desse modo as expressões dos símbolos na arte não são vistas como apenas simples projeções dos conteúdos inconscientes, mas também uma peça de sua transformação avaliativa, contribuindo então para um equilíbrio psíquico. Por esse ponto de vista compreende-se e entende-se que ao colocar para fora através do papel seu caos emocional, suas dores de seu interior, o indivíduo não apenas da forma ao que sente, mas por esse meio tira o poder de estampas ameaçadoras (SILVEIRA, 2001).

Dentro da linha Junguiana existem várias técnicas que podem ser utilizadas pelos psicólogos dentro da ar terapia ,do qual propõe-se atividades simples ou específicas ou simplesmente dando a oportunidade de escolha para os indivíduos através dos materiais disponibilizados .Nise embora trabalhasse com livres expressões dos pacientes /clientes ,dentro

da arte-terapia, também pode ser proposto pelo psicólogo uma instrumentação de atividades expressivas em partida de alguns temas pertinentes ou objetivos ao caso em questão, com isso propondo o auxílio das pessoas em seu processo de individuação. Como dito por Jung, a individuação é um processo do qual o ser chega em sua totalidade, pela integração consciente de vários aspectos inconscientes, manifestado em sua unidade, no seu único, daquilo que se tem de mais pessoal (JUNG,2001). A individuação então é a capacidade do ser humano de entender quem se é e o que são, dentro dos aspectos do si mesmo o Self.

A individuação enquanto processo, é uma expansão da consciência, o constante desenvolver da personalidade, em que cada pessoa encontra meios de se realizar (VON FRAZ, 1977). O psicólogo dentro do arte-terapia junguiana auxilia a pessoa em seu caminho para a autorrealização, conversando e procurando caminhos a facilitar essa jornada através do fazer arte.

Dentro do arte-terapia junguiana uma técnica muito utilizada é o pintar ou desenhar mandalas. Esse termo vem do sânscrito, uma língua antiga usada na Índia, do qual significa círculo mágico, de figuras geométricas construídas a partir de um centro circular ou de um quadrado, dando forma a um espaço sagrado (RAFFAELLI,2009). A mandala na teoria Junguiana é um símbolo do self, o si mesmo, representando sincronicamente o centro da totalidade psíquica (JUNG, 2001).

Von Fraz trouxe que as mandalas podem auxiliar a estabelecer a homeostase, esse equilíbrio interior (VON FRAZ,1977) pelo fator que ao desenhá-las colabora para condução da energia psíquica em torno do centro ou self. No trabalho do arte-terapia Junguiana, deve-se evitar o uso da interpretação, devido a isso a melhor maneira de analisar, de fazer uma leitura clara de uma mandala é pedindo a própria pessoa (indivíduo), entre em contato com o que desenhou, procurando perceber e integrar os sentidos contidos naquela imagem, ou seja, pedindo para que se explique o que se desenhou, aquilo que representa para si mesmo.

1.4 UM OLHAR SOBRE A IDEIA DA ESTÉTICA DO HUMANO

Depois de passar por o que é arte-terapia dentro de duas grandes abordagens nos aspectos históricos, metodológicos e teóricos principais, deu para se ver como a arte se compõe como uma ferramenta de grande diferencial de trabalho do psicólogo. Apesar de algo relativamente recente, do qual dá para ser cada vez mais explorado, já é um campo amplo e devido a isso o cenário por aqui oferecido apresenta apenas uma parte possível, destacando duas abordagens a Psicanálise e a Junguiana (Psicologia Analítica), trazendo alguns autores e suas principais concepções, noto então que há uma visão de homem como ser criativo nas diferentes

vertentes, em que estaria no alicerce da arteterapia, passando pelo seus diversos enquadramentos. Tratasse então de uma construção estética do humano, em visto que o homem é capaz de criar e recriar-se, um constante vir a ser, capaz de se adaptar, que está em constante transformação, uma obra inacabada e a arte é um canal nesse processo de expressar, em decorrência, de ser no mundo (PHILIPPINI, 1994).

A arte se revelará tanto na ação artística como projeção do inconsciente na psicanálise ou sendo uma expressão do self na Psicologia Analítica, como um meio de objetivação da subjetividade. O resultado final da produção artística sempre será um reflexo de um espelho, que mostram as imagens as vezes um tanto distorcidas, aquele que produziu, porque ele dá forma aos seus desejos, emoções, sentimentos e ideias. Pode ser compreendido como um quase sujeito, o produto, como um objeto estético, esse conceito formulado por Duriense, referindo-se ao reconduzir constante entre a objetividade da obra e a subjetividade do autor, porque, quando o artista se põe a criar, é a si mesmo que está se descobrindo, pelo ato de fazer (NAUMBURG, 1995).

O papel terapêutico do fazer artístico, contudo, se inicia através dessa autodescoberta, tendo profundidade na medida que, em atividade criadora, o indivíduo também se redescobre em novas formas, podendo reinventar-se como outro. (Ong), A arte cura? Recursos artísticos

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo considera-se que a atividade artística proporciona ao indivíduo uma possibilidade de expressar não somente o que já é, mas aquilo que pode vir a ser, assim através da arte constrói-se outros modos de subjetivação e objetivação, tendo por resultado reconstruir-se na vida, devido ao novo olhar sobre si mesmo, em relação ao outro e ao mundo. Esse vivenciar a arte traz uma abertura do Eu em relação ao outro e essa experiência promove um contato mais introspectivo, proporcionando insights pelo sujeito, promovendo assim a capacidade de tolerar os seus sentimentos geradores de angústia em situações específicas, promovendo uma percepção mais aguçada, sensível e criativa, devido ao fato desse instrumento ajudar na reconstrução do próprio EU, sendo a cura pela arte.

Já que essa cura não pode estar desassociada da função criadora e laborativa, a atuação do profissional de psicologia terá o viés ético de contribuir para que os indivíduos se reconheçam como protagonistas e não simplesmente como atores sociais, mas também como autores que participam ativamente na sociedade que fazem parte, pertencendo a ela e transformando a própria

arte em expressão do seu existir, podendo expor a elaboração dos seus conflitos internos, introjetando-os de uma forma que o consciente consiga lidar com o seu verdadeiro EU integrando as suas conflitivas e o seu Self.

4 REFERÊNCIAS

- ADRIOLO, A. **A psicologia da arte no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos.** *Psicol.: Ciên. e Prof.* 2003, 23(4), 74-81. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932003000400011>
- ANDRADE, L.Q. **Linhas teóricas em arte-terapia.** In M.M.M.J. de Carvalho (org), **A Arte Cura? Recursos artísticos em psicoterapia** (pp.39-54). Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.
- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.
- AATESP- Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (2001).
- CARVALHO, M.M.M.J., & ANDRADE, L. Q. A.. **Breve histórico do uso da arte em psicoterapia.** In M.M.M.J. Carvalho (Org.), **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia** (pp.27-38). Campinas, SP: Editorial Psy II, 2000.
- CARVALHO, M.M.M.J. **O que é arte-terapia.** In (Org.), **A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia** (pp.23-26). Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.
- DUFFRENNE, M. **Estética e filosofia** (3a ed.). São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FRAYZE-PEREIRA, J.A. **Nisa da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política.** *Estudos Avançados*, 17(49), 197-208, 2003. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300012>
- ICA, SANS-SERIF SIZE= "2"> Cesar. O. (1944, novembro). **Como se Deve Compreender uma Obra de Arte.** O Estado de S. Paulo, p.4.
- JUNG, C.G. **Memórias, sonhos, reflexões** (21a ed., A. Jaffé, Ed., D.F. Silva, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- JUNG, C.G. **Chegando ao inconsciente.** In C.G. Jung & M.L. von Fraz (Orgs). **O homem e seus símbolos** (M. L. Pinho, trad., pp. 18-103). Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1977.
- KRAMMER, E. **Terapia através del arte en una comunidad infantil.** Buenos Aires: Kapelusz, 1977.
- LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J.B. **Vocabulrio da psicanálise** (3a ed., P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NAUMBURG, M. . **A arteterapia: seu escopo e sua função.** In E. F. Hammer (Org.), *Aplicações Clínicas dos desenhos projetivos* (pp.388-392). São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação** (18a ed). Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PHILIPPINI, Angela. *Arterapia, um caminho*, In: **Imagens de transformação**. v.1, n.1, 1994.

RIBEIRO, Maria Aparecida Guimarães. **Concepções e funções da arte na arteterapia**. 2002. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Goiás. Goiânia. Goiás. 2002.

SILVA, A.M. **Arteterapia como prática integrativa para o desenvolvimento do autoconhecimento em adultos na maturidade**. Itajaí, 2016.

SILVEIRA, N. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

VON FRAZ, M. L. **O processo de individuação**. In C.G. Jung & M. L. Von Fraz (Org.), *O homem e seus símbolos* (M.L.Pinho, 99 158-229). Rio de Janeiro: Nova Fronteiras, 1977.

VYGOTSKI, L. S . **Psicologia da arte** (P. Bezerra, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1998.